

ANALYSE ET COMMENTAIRE DE TEXTES OU DOCUMENTS EN PORTUGAIS

Durée : 6 heures

Analysez et commentez, **en portugais**, les quatre documents suivants :

DOCUMENT 1

Hoje sou uma senhora

«Hoje sou uma senhora. Fizeram de mim. Isso era a única coisa da minha vida que não estava escrita. Numa manhã de quando eu tinha oito anos — não me lembro qual dos meses frios —, a minha avó levantou devagar, com as costas dos dedos, a cortina da nossa janela. Estava com o desconforto do perigo e ele era real. A PIDE tinha cercado a casa. Guardas de espingarda e dois com farda civil entraram-nos em casa e prenderam o meu pai, que estava encamado com pneumonia. O Homem não esteve de pé na sua última ocasião: pegaram nele como a uma cruzeta doente, na cova dos braços, e levaram-no para fora dos nossos gritos. Não deram explicações. O meu pai foi serralheiro nas Minas do Lousal, chefe das oficinas. Podia ter ligações ao Partido Comunista. Podia não. Nunca mais o vimos. Nada, nem depois do 25 de Abril, soubemos sobre o que lhe aconteceu, para onde o levaram, quanto tempo esteve preso nem em que condições morreu. Com um tio meu aconteceu o mesmo. Desapareceram como os que param antes de nascer.

A minha desgraça começou na PIDE. [...] Com dezoito [anos], era em 1964, estava em Lisboa a estudar enfermagem, numa policlínica do Campo Grande. Capaz de não ser do seu tempo. Eu frequentava uma pastelaria no rés-do-chão e uma tarde tinha na mesa um jornal com a cara do Salazar. Comecei a queimar-lhe os olhos na fotografia, com o cigarro. Era na primeira página. Ordinário!, sofri tanto por tua causa — fui queimando. Um homem que eu conhecia de vista, tinha lá a mesa dele, levantou-se e foi telefonar. Quando me levantei para sair, estava um carro à porta. Mandaram-me entrar. Era a PIDE.

Levaram-me para uma prisão, não sei o nome. Puseram-me numa cela sem mais ninguém. Estive nove meses. Ninguém me deixou defender porque nunca me privilegiaram um interrogatório. Nove meses sem saber quantos dias eram. Ninguém veio ter comigo. Até que um inspector andou de visita às celas e reparou em mim. Eu era muito bonita. Aos vinte anos ainda servimos para tudo. Ele tanto que me viu — sentada no chão, tinha os cabelos compridos —, chamou-me ao gabinete. Ele pegou em mim e levou-me num carro preto, só parou frente ao mar, no Guincho. Fez-me uma proposta de libertação: eu saía se fosse viver com ele. Ele era mais velho, casado em Portugal. [...] Ele tratou-me bem. A mulher nunca soube. Pôs-me apartamento. Deixar não me deixava. Fui a hotéis do Algarve, no tempo de pouca gente. Levou-me a Madrid, bons sítios, ele ia a fins-de-semana. Contactos da Pide.

Estive dois ou três meses com ele. Depois tentei fugir. Mas Lisboa é demasiado pequena. [...] Consegui vir para Moçambique através de uma pensão de uma senhora espanhola em Lisboa, onde apareceu um senhor com uma série de meninas para vir para aqui. [...] Vim para a Beira e fui recebida pelos próprios donos da casa onde ia trabalhar. O trabalho era no bar D. João V. [...] Acabei por conseguir ser cozinheira na parte de dentro do bar, em vez de estar directamente com os homens. Tive que pagar a

40 passagem. Eu armava lutas, gritava que não queria o serviço dos quartos, até que o indivíduo do contacto veio um dia, exigindo-se. Pregou-me com duas bofetadas. Tu és uma puta de sete e quinhentos de rua de Lisboa! E vens para aqui armada em senhora. Gritou-me ele. Vais trabalhar para pagar as passagens. Arranquei em Setembro de 1969. Ou em Dezembro? Com o alvoroço da chegada, uma cena de pancada por causa do trabalho que me queriam dar, comecei aos berros. Uma crise. [...]

45 Eu não casei com quem amei, casei com quem encontrei. Foi em Tete que conheci o meu marido, 23 anos mais velho que eu. Amou-me muito. Eu nunca consegui lhe amar mas achei que o devia respeitar. Faleceu em 1991. Tivemos dois filhos. Foi ele que me fez senhora aqui. Comecei na hotelaria com o Beira Alta, um restaurante bom. Depois foi o Solar das Andorinhas. Depois da morte do meu marido vim para aqui e
50 diga-me se não é o melhor sítio da cidade. [...]

Não quero voltar a Portugal. Gosto muito mas lembra-me desgraça. Chego lá e passado pouco já não aguento. Não fui feliz lá. Foi lá que o mal aconteceu. [...]

Agora queria ser feliz com o homem que amo. Mas a cidade não deixa. Homem branco e mulher preta, está bem. Mulher branca e homem preto, não pode ser. Tete é
55 como quando cá cheguei. Não houve independência para a cor da pele. Ele é cirurgião. Um homem bom, muito doce, muito inteligente. Mais novo que eu. Ele é casado mas aqui a cultura é diferente, pode ter mais que uma. Só o problema da raça. E ele nem quer ficar com ela, é para vivermos juntos. Ela vem fazer escândalo para a minha porta, a meio da noite já tem vindo, entrou em casa a partir-me coisas. Eu se não o vejo transtorno. Não durmo em minha casa, não aguento, está lá tudo, armários de roupa no
60 quintal e tudo, o Jorge agora é que anda a vender coisas, vieram dizer-me.

Durmo aqui e ele quando pode vem ver-me. A cidade comenta e aponta-me. Se eu não tivesse que depender deles... Mas com um restaurante, se a freguesia não gosta, começa a evitar. Passámos a encontrar-nos fora da cidade, numa aldeia pequenina.
65 É para lá que vou com ele, saio daqui à meia-noite se for preciso, o nosso tempo é pouco, folgas e fins-de-semana. Um velho da aldeia, meu amigo, ouviu o problema da cidade não gostar e mandou construir uma palhota pequenina, quadrada. Não me importa o que a cidade diz. Aqui ninguém nos incomoda. É vossa, para o amor. É para lá que nós vamos. Uma velha maluca, é o que aqui está, a apaixonar-se no fim da vida.
70 Mas é bom. Voltei a amar um homem. Tenho medo que lhe façam mal. Amanhã mostro-lhe a palhota, quando formos a Wiryamu. É lá — o amor onde estive a guerra.

Eu envelheci rapidamente. Era linda sabe? Já fiz aqui em Brome de Nossa Senhora de Fátima, ao vivo, carne e osso. Eu até fiz muito teatro: *À Procura de Um Filho...* Mas houve coisas boas na minha vida, viagens, caçadas. Dá-me a paz no
75 Cajueiro. Quero ser enterrada lá, no portão da entrada, para todos me pisarem. Eu nunca fui noiva, serei quando morrer. Com uma túnica branca que já tenho preparada em pano, amortalhada sem caixão. No meio deste romance todo, fiquei criança. Foi com o sofrimento. Adoro tudo o que sofre. Tenho feito caridade, criei dois rapazes além dos meus. Dezoito e nove. Não queria que o meu fim fosse mau. Queria que acabasse bem.»

Pedro Rosa Mendes, *Baía dos Tigres*, Dom Quixote, 1999.

DOCUMENT 2

TABU – filme de Miguel Gomes (2012)

Em fevereiro, em Berlim, *Tabu* ganhou o prêmio da crítica. Os jornalistas brasileiros presentes na Berlinale amaram seu filme, mas Gomes — autor também do deslumbrante *Aquele Querido Mês de Agosto* — respondia às perguntas de forma evasiva. Parecia blasé, quando não irritado [...]. Além do sucesso de crítica, *Tabu* virou um fenômeno de vendas. “O filme foi vendido para mais de 40 países, o que é um recorde para o cinema de Portugal”, diz.

Por mais ambicioso que seja *Tabu* — como reflexão sobre a memória, tanto a do cinema quanto a do passado colonial de Portugal —, o filme também é rigorosamente autoral. Feito em preto e branco, possui um tom romanesco. Na segunda parte, quase não tem diálogos, sendo contado por um narrador. O próprio Miguel Gomes brinca e o ator brasileiro Ivo Müller, presente com ele na entrevista, lembra momentos hilários da filmagem. “O Miguel chegou a criar uma frase padrão. ‘What happens in Africa stays in Africa.’ O que acontece na África, permanece na África. A gente repetia isso, incansavelmente, porque ele sabia que ia gravar sobre as falas da gente o relato do narrador.”

Gomes acrescenta — “Se alguém fizer leitura labial do que dizem os personagens não vai entender nada. É um diálogo de doidos”, diz, e ri. Outra característica do seu cinema presente em *Tabu* — como em *Aquele Querido Mês de Agosto*, que a Mostra apresenta nesta terça. Gomes faz um cinema de bordas, mistura ficção e documentário. Ele foi crítico, antes de virar cineasta. Sempre quis ser autor. O título evoca a obra-prima cuja direção Friedrich Wilhelm Murnau, um gênio da ficção, e Robert Flaherty, um dos maiores documentaristas do cinema, compartilharam em 1931 (no próprio ano em que o primeiro morreu num acidente de carro). A protagonista chama-se Aurora, como outro clássico que Murnau realizou nos EUA, em 1927. Essas referências são muito fortes para ele, mas Gomes diz que seria muita pretensão querer se comparar a um artista tão grande. [...]

Tabu conta a história de uma velha dama que morre. Quando isso ocorre, sua empregada de Cabo Verde e uma vizinha da falecida descobrem que no passado ela viveu um grande amor. Partem em busca desse homem. A primeira parte desenrola-se em Portugal, na atualidade. A segunda é sobre o passado colonial, mas não é sobre o tabu da guerra, sequer sobre os traumas psicológicos que imprimiu em milhares de portugueses obrigados a lutar contra a ilusão de um tempo que era já passado.

Tabu, segundo seu autor, é sobre um tempo perdido. Sobre um paraíso perdido. Gomes parece poetizar quando fala de uma enorme quinta — “uma quinta que tínhamos como quintal em África.” E ele prossegue, como se fosse um recitativo de *Tabu*. “É um filme sobre um tempo de derisão, de sonhos perdidos no rolo da História, alheio ao romantismo de um ultrapassado conceito de África colonial. É sobre uma África, dita portuguesa, que se um dia o foi, com certeza não é mais.”

Texto tirado do jornal *O Estadão, Estado de São Paulo*, 22 de Outubro de 2012.

DOCUMENT 3

Explicar por que razão não devia ter entrado é tarefa difícil. Repare que houve um primeiro momento em que ela não se arrependeu de ter entrado. Helena de Tróia estava sentada e vestida com o que parecia ser uma camisa de dormir, mas era antes um vestido de interior cingido, branco, que brilhava na obscuridade como papel prateado. A gravidade de Helena estava tão perto da abstracção imaginada que intimidava pela coincidência, e Evita permaneceu à porta. Mas Helena pedia que entrasse — entrou. Os primeiros instantes foram embaraçosos porque Helena continuava a corresponder à abstracção. Helena de Tróia mantinha a voz de columbina, mas de columbina que arrulhou num outro tempo e dele só guardou a melodia. Falava lentamente, não se percebia o que falava porque mal se ouvia no fundo do fresco, embora se percebesse que se ocupava do fim trágico do telefonista. Dizia coisas sobre ele, que Evita ouvia em fragmentos por intimidação, e percebia, no intervalo da intimidação, que Helena de Tróia se lembrava da voz dele quando atendia, e contava como ele lhe havia fornecido números para onde ela tinha querido ligar e ele sabia de cor. A sua consternação era enorme. Falando desse modo, tão baixo, ela era a pessoa imóvel, muda, com uma ave ao ombro, dois olhos de vidro cintilantes que a tinham trazido ali por instinto de sobrevivência, e sentiu-se presa da imagem de que mal via mover os lábios no sofá. E só para que o sentimento não fosse completo, Evita estava dividida entre duas ideias que se excluíam — não sabia se a imagem de Helena de Tróia existia porque ela mesma a imaginava, se, porque Helena existia, ela a estava imaginando. Era uma dor agradável porque se poderia prolongar indefinidamente e nunca obteria resposta. Mas foi tudo imensamente rápido porque Evita obteve resposta. Nem deu tempo a que os mainatos lá fora pegassem pela segunda vez no sono, à sombra chata do descapotável. A princípio a resposta ainda foi lenta mas logo se tornou brutal.

Helena tomou a voz vulgar das pessoas que falam de si para o sítio imaginário donde sopram os desgostos. «Agora vamos pensar neles» — disse ela, referindo-se a Forza Leal e ao noivo. «É terrível esta separação. É ou não é?» — Helena de Tróia puxou por um lenço até aí escondido e aproximou-o dos olhos antes de ter lágrimas. Logo teve lágrimas. «É uma separação terrível de que eu tenho um medo terrível!» Já tinha abundantes lágrimas e já se assoava. Passou o lenço pelos vários sítios da cara e enrolou o lenço em torno daquilo que assoava. O lenço mudou de cor e ficou entalado nos dedos de Helena de Tróia. Ela enrolava e desenrolava uma ponta. «Sinto-me mal, imensamente mal. E você, como se sente?» — Helena não era uma abstracção.

Ela mesma respondeu — «Ah, eu sabia que você teria de se sentir muito mal com a partida dum rapaz para a guerra. Imensamente mal» — Helena limpava o nariz enrubescido pelo lenço e abria agora desmesuradamente os olhos como uma Minerva inocente, sem memória. «Mas você sabe que há quem se sinta muito bem? É um horror pensar na alma das mulheres que se sentem bem com a partida deles! Devem ter a alma dura e crua, e negra como um tição. Você, pelo contrário, você não. É de companheiras como você e eu que eles precisam». Mas Helena ainda falava tão baixo, com tanta pausa, que a consonância entre a sonolência exterior da casa e a languidez dela era absoluta. Possivelmente a mulher do alferes não deveria ter entrado numa hora de tanto calor. Não seria possível sair?

«Oh, não, pelo contrário! Fique aí — não se esqueça que esta vai ser a última vez que ficamos sem eles, porque finalmente estão pondo um ponto final nesta estúpida guerra» — Helena estendeu-se, viam-se-lhe as unhas dos pés da cor das da mão.

Lídia Jorge, *A Costa dos Murmúrios*, p. 91-93, Dom Quixote, 1988.

DOCUMENT 4

A Filha da Solidão

Na vida tudo chega de súbito. O resto, o que desperta tranquilo, é aquilo que, sem darmos conta, já tinha acontecido. Uns deixam a acontecência emergir, sem medo. Esses são os vivos. Os outros se vão adiando. Sorte a destes últimos se vão a tempo de ressuscitar antes de morrerem.

5 Filha dos cantineiros portugueses, Meninita sempre foi moça comedida. Na penumbra da loja, ela atendia os negros como se fossem sombras de outros, reais viventes. A miúda se ia fazendo ao corpo — o fruto se adoçava em polpa açucrosa. A sede se inventa é para a miragem de águas. Pois nas redondezas não viviam outros brancos, únicos a quem ela entregaria seus açúcares.

10 A família Pacheco se pioneirara na aridez de Shiperapera, onde mesmo os negros originários escasseavam. Por que escolhera tão longínguas paragens?

— *Aqui, por trás destas altas montanhas, nem Deus me pode espreitar...*

15 Fala do português para enganar perguntas. Ninguém entende por que o Pacheco se internara tanto nas dunas desérticas de Sofala, condenando a família a não conviver mais com gente de igual raça. Dona Esmeralda, a esposa, se angustiava vendo o crescer da filha. A que homem se destinaria ela, naquele afastamento da sua semelhante humanidade? Deram-lhe o nome de Meninita para a ancorar no tempo. Mas a filha se inevitizava. Na sombra imutável do balcão, ela desfolhava uma mil vezes repetida fotonovela. Sonhava aos quadradinhos...

20 — *Não espere consolo, filha: aqui só há pretalhada.*

25 A menina se consolava fechada no quarto, a revista da fotonovela entre os lençóis. Suas mãos se desprivatizavam em carícias de outro. Mas esse apagar de lume lhe trazia um novo e mais aguçado tormento. Quando, depois de suspirada e transpirada, ela se abandonava no leito, uma funda tristeza lhe pousava. Era como nascesse em si uma alma já morta. Tristeza igual só essas mães que dão à luz um menino inanimado. É justo poder-se assim visitar os paraísos e nos expulsarem? Lhe custaram tanto essas despedidas de si que passou a evitar seu próprio corpo. Vale a pena é trocar carinhos, receber as salivas do ventre de um outro. Mas outros ali não havia para a donzela Meninita.

— *Acha que essa nossa filha se vai meter com um preto?*

30 O pai se ria, cuspiendo gargalhada. O riso dele tinha razão: a casa dos Pachecos se enconchava de preconceito. Ali se dizia no singular: *o preto*. Os outros, de outra cor, se reduziam a uma palavra, soprada entre a maxila do medo e a mandíbula do desprezo. Meninita cumpria os ensinamentos da raça. Recebia os clientes, sem sequer erguer a cabeça:

— *Qué quer?*

35 Massoco, único empregado, achava graça aos modos desdenhosos da pequena patroa. Ele era jovem como ela, carregava sacos e caixotes, conduzia a carroça dali para depois do horizonte.

40 As melancolias da Meninita cresciam. A revista já esfarelava, de tanto desfolhada. No dia em que fez dezoito, Meninita lançou fogo sobre si mesma. Se imolou. Mas não desses fogos comuns de combustão visível. Ardeu em invisíveis chamas, só ela sofria tais ardências. Ficou ardendo em demorada consecução. A febre lhe autorizava o delírio.

Veio a mãe, lhe abanou uma frescura. Veio o pai, lhe aplicou conselho logo seguido de ameaças. Tudo irresultou. Esse fogo se apagava era em corpo de macho, em água de duplos suores e carícias. A mãe lhe corrigia a ilusão da expectativa:

45 — *Minha filha, não deixe o corpo lhe nascer antes do coração.*

Adoentada, a moça deixou de atender ao balcão. Substituiu-a o moço Massoco, cresceram simpatias na loja. Meninita se internou em seu quarto, emigrada da vida, exilada dos outros. Massoco ao fim do dia, se apresentava, em solene tristeza. Chegou a pedir:

— *Peço licença ir lá ver a patroinha...*

50 Um dia chegou a Shiperapera uma veterinária do Ministério. Vinha inspeccionar o gado dos indígenas. Quando o casal soube da notícia decidiu ocultar a novidade da filha. Ela já andava tão alterada! O Pacheco foi à estrada, esperar a compatriota. Levou cerimónias e pastéis de peixe-seco. Acompanhou a doutora a uma casa de hóspedes que a administração em tempos construía. Já deitados, os Pachecos trocaram as esperadas más-línguas:

55 — *Porra, a gaja parece um homem!*

E riram-se. Dona Esmeralda se satisfazia pela visitante ser tão pouco mulher. Não fosse o marido se devanear. Numa dessas noites, Meninita sofreu de um acesso grave. O casal, em desespero, decidiu chamar a médica veterinária. O pai correu à casa de hóspedes e urgiu comparência à veterinária. No caminho, lhe explicou a condição da filha.

60 Chegados à cantina, dirigem-se em silêncio profissional para os aposentos da perturbada jovem. Em delírio, a menina confunde a veterinária com um homem. Atira-se-lhe aos braços, beijando-lhe os lábios com sofreguidão. Os pais se embaraçam e acorrem a separar. A veterinária recompõe-se, ajeitando imaginários cabelos sobre a face. Meninita com sorriso sonhador parece agora ter adormecido.

65 Pacheco volta a acompanhar a visitante. Vão calados, todo o tempo da viagem. Na despedida, a veterinária, rompendo o silêncio, expõe o seu plano:

— *Eu vou fazer de homem. Me disfarço.*

70 Pacheco não sabia o que dizer. A veterinária se explica: o cantineiro lhe emprestaria roupas velhas e ela se apresentaria, disfarçada de namorado caído dos céus. O português acenou maquinalmente e voltou a casa apressado em pôr a esposa a par do estranho plano. Dona Esmeralda riscou no lábio superior a curva da dúvida. Mas que se fizesse, a bem da pequena. E se benzeu.

75 Nas noites seguintes, a veterinária aparecia com seu disfarce. Subia ao quarto de Meninita e lá se demorava. Dona Esmeralda, na sala, chorava em surdina. Pacheco bebia, devagaroso. Passadas horas a veterinária descia, ajeitando no rosto uma inexistente madeixa.

Fosse pela qual razão, a verdade é que Meninita arrebitava. A veterinária, dias depois, se retirou, nuvem naquela estrada onde mesmo a poeira rareava. Meninita, na manhã seguinte, desceu à loja, a velha revista na mão. Sentou-se no balcão e inquiriu a sombra do outro lado:

80 — *Qué quer?*

Massoco riu-se, abanando a cabeça. E a vida se retomou, em novelo que procura o fio. Até que um dia, Dona Esmeralda despertou o marido, sacudindo-o:

— *Nossa filha está grávida, Manuel!*

85 Choveram insultos, impropriou-se. Os vidros das janelas se estilhaçaram, tais as raivas do Pacheco: *eu mato o cabrão da doutora!* A mulher implorou: agora, sim, era assunto de ir à vila. O marido que quebrasse seu juramento e superasse as montanhas de volta ao mundo. De noite, o casal se fez à viagem, recomendando à filha mil cuidados e outras tantas trancas. E sumiram-se no escuro.

90 Na janela, Meninita ainda espreitou a poeira da estrada iluminada pela lua. Subiu ao quarto, abriu a revista das velhas fotos. Vencida pelo sono se ajeitou no colchão em rodilha de lençóis. Antes de adormecer, apertou a mão negra que despontava no branco das roupas.

Mia Couto, “*A filha da Solidão*”, in “*Contos do Nascer da Terra*”,
Lisboa, Caminho, 1997, p.45-49.